Nair de Teffé e a influência feminina na política da Primeira República (1910-1914): notas de pesquisa

BETHÂNIA LUISA LESSA WERNER[1];
JONAS MOREIRA VARGAS[3]

[1]*Universidade Federal de Pelotas – bethaniawerner@hotmail.com*
[3]*Universidade Federal de Pelotas – jonasmvargas@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O estudo sobre os direitos políticos das mulheres apresenta-se como uma área em ascensão no ambiente das pesquisas historiográficas contemporaneamente. A baixa participação feminina nos espaços públicos reflete o contraste entre política e mulheres, noções que são tratadas historicamente como distantes. Dessa forma, a análise sobre os direitos políticos femininos possui relevância em diferentes níveis, como apresenta Perrot (2019, p. 160): "[...] o sufrágio, a representação e o governo.".

Relacionados, os três pilares apontados por Perrot, vinculam-se à dimensão do presente estudo. A questão do sufrágio feminino – ou a sua ausência enquanto direito – presente desde a História do Brasil Império, demandou inúmeras reivindicações das mulheres, partindo, dentre outros marcos, da não permissão do voto feminino na Constituição Política do Império do Brasil[1]. Nesse sentido, a importância tanto para a historiografia quanto para a sociedade com o estudo do tema proposto reside em dois pontos principais: o impacto político e o impacto sociocultural.

No primeiro, há a preocupação com o fator de representação política, noção tão cara à história das mulheres no Brasil, onde – desde o período colonial – foram preferencialmente privadas dos ambientes públicos. Além disso, a perpetuação dessa separação é refletida ainda hoje na composição do cenário político brasileiro, onde as mulheres continuam como minorias representativas[2].

O impacto político também é percebido através da continuidade histórica de características consolidadas no ambiente público, como afirma a historiadora Lilia Schwarcz: "Em 1874, ainda durante o Império, apenas cerca de 10% da população votava. Já em tempos de República, em 1910 por exemplo, numa população de 22 milhões somente 627 mil tinham direito de voto" (SCHWARCZ, 2019, p. 55).

Já o aspecto sociocultural apresenta-se através das violências direcionadas às mulheres quando ocupam posições e lugares na cena política. Schwarcz também comenta que

> Na prática, o mundo da política corrobora o que a realidade do dia a dia demonstra: ele é feito de uma atitude, antiga e consolidada entre nós, de buscar tornar inexpressiva, quando não quase inexistente, a presença de mulheres nas principais instituições do país. E, quando isso não ocorre,

[1] "A Constituição Política do Império do Brasil estabelecia que apenas cidadãos ativos poderiam votar, o que excluía, na prática, o voto das mulheres. Conforme o ordenamento jurídico da época, a mulher era incluída no grupo dos cidadãos passivos/inativos, na companhia das crianças e dos loucos." Disponível em: http://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/557596

[2] "Com pouca representatividade política, mulheres ainda buscam por direitos" Reportagem da Agência Brasil, publicada em 03 de março de 2021.

> o sentimento de perda de privilégios pode dar vazão não só à violência física, mas também à violência simbólica e moral. (SCHWARCZ, 2019, p. 187).

Nesse contexto é que se insere a presente pesquisa. Objetivamos, portanto, analisar a relação estabelecida pela primeira dama Nair de Teffé e o ambiente político da Primeira República no Brasil, com recorte temporal entre os anos de 1910 e 1914, período do mandato de presidência do Marechal Hermes da Fonseca, seu marido. Através de suas memórias no livro *A Verdade sobre a Revolução de 22*, sua produção artística e sua presença na imprensa da época, Nair nos permite investigar seus posicionamentos e influências políticas no período enquanto mulher. Assim, visamos ampliar e contribuir com a discussão historiográfica envolvendo as mulheres da elite e a política durante os anos iniciais da República Brasileira.

2. METODOLOGIA

A abordagem privilegiada no presente estudo se insere na perspectiva da Nova História Política, na qual consideramos enquanto objeto de pesquisa "todos aqueles que são atravessados pela noção de "poder" [...]" (BARROS, 2004, p. 107). Nesse sentido, alguns dos objetos de estudo que fazem parte do domínio da História Política são, aqui, destacados, como as relações inter-individuais, as quais cercam as ações individuais ligadas ao universo político e os micropoderes envolvidos nas mesmas (BARROS, 2004, p. 108). Da mesma forma, utilizamos a interpretação a partir da História das Mulheres, privilegiando nesse aspecto a análise da primeira dama enquanto uma das poucas mulheres presentes e influentes nesses ambientes.

Enquanto método, por sua vez, utilizamos a análise da trajetória de Nair de Teffé e do conteúdo das memórias reunidas em seu livro. Por isso, foram incorporadas igualmente discussões sobre os conceitos de História e memória. Sobre esse aspecto Candau comenta que

> A história busca revelar as formas do passado, enquanto a memória as modela, um pouco como faz a tradição. A primeira tem uma preocupação de ordenar, a segunda é atravessada pela desordem da paixão, dos afetos. [...] (CANDAU, 2012, p. 131/132).

Dessa maneira, visando a construção de uma prática historiográfica ética, utilizamos também como fonte a imprensa do Rio de Janeiro durante o período. Através da prática de "pesquisa em provas documentais e, sobretudo, pelo questionamento e pela contraposição da própria documentação" (BORGES, 2011, p. 218), incorporamos, portanto, buscas na Hemeroteca Digital Brasileira selecionando jornais do Rio de Janeiro entre os anos de 1910 a 1919 e investigando as ocorrências do nome de Nair de Teffé nos periódicos, a fim de ampliar o espectro de análises possíveis em nossa abordagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de ainda estar em construção, a pesquisa apresenta alguns resultados já passíveis de fundamentar discussão. Através da leitura das memórias de Nair em seu livro foi possível perceber sua presença e intervenção

em diferentes contextos e ambientes da época, envolvendo tanto a sua vida pública e política quanto a do seu marido, o Marechal Hermes.

Em sua narrativa, Teffé prioriza a figura masculina do marido e, por isso, destina boa parte das páginas do livro a fatos mais inerentes à vida do Marechal do que a sua, inclusive antes do casamento de ambos. Tal aspecto, presente naquela que deveria ser a sua autobiografia, publicada em 1974, quando Nair possuía 88 anos, alia-se a ideia apresentada por Michelle Perrot (2019) quando a autora comenta que "O olhar voltado para si, numa fase de mudança ou ao final de uma vida, mais frequente em pessoas públicas que querem fazer o balanço de sua existência e marcar sua trajetória, é uma atitude pouco feminina" (PERROT, 2019, p. 18). Objeto para análise, tais escolhas para a reconstrução de suas memórias também demonstram características da autora que, ainda assim, não deixa de comentar sobre "alguns fatos que demonstram a sua importância no nível da vida política" (RODRIGUES, 2002, p. 59).

Apesar de já estar incluída no ambiente político por influência do seu pai, o Barão de Teffé, participando de festas e reuniões da elite carioca, é a partir do casamento com o presidente que Nair aproxima sua vida ainda mais desse espaço. Após a celebração do matrimônio, ainda que anteriormente a esse acontecimento já fosse famosa devido as suas caricaturas, Nair tem sua imagem e vida públicas cada vez mais comentadas, sendo inclusive "como Capitu, de modo diferente, [...] acusada de ser a culpada de tudo que ocorria em torno do marechal Hermes" (RODRIGUES, 2002, p. 69).

Paralelamente a isso, o cruzamento do conteúdo das memórias da primeira dama com as notícias que apresentam menção à mesma durante o período, encontra-se em fase de elaboração. A partir da pesquisa no *site* da Hemeroteca Digital Brasileira foram encontradas 398 ocorrências do nome "Nair de Teffé" em 23 jornais do Rio de Janeiro com recorte temporal de 1910 a 1919.

O periódico em que mais há ocorrências é *O Paiz.* Contando com 87 menções, *O Paiz* destaca as menções ao nome da primeira dama especialmente nas seções intituladas como *Vida Social*, reforçando sua presença nos círculos sociais da elite da época.

4. CONCLUSÕES

Mediante a realização da presente pesquisa buscamos contribuir nos debates historiográficos sobre a presença feminina em ambientes políticos, bem como suas manifestações e efeitos nos mesmos. A partir da posição social privilegiada ocupada pela primeira dama é possível, portanto, compreender o quanto as mulheres, ainda que inseridas na elite, são tratadas – e permitidas ou não – nesses espaços que envolvem o poder político e seus desdobramentos.

Além disso, a contribuição insere-se, como mencionado anteriormente, em campos com impactos políticos e sociais, englobando poder e representatividade. Em suas memórias, nota-se que Nair "nunca gostou de política, e, se fazia enorme esforço para entendê-la, isso se devia ao carinho que tinha pelo marechal" (RODRIGUES, 2002, p. 98). Fundamentada na construção de um ideal feminino, tal contraposição é também condenada socialmente, pois "ser uma mulher na política, ou ainda, ser uma "mulher política" parece a antítese da feminilidade, a negação da sedução" (PERROT, 2019, p. 155), elementos considerados naturais e necessários às mulheres.

Nesse sentido, tal antagonismo perpetuado entre mulheres e assuntos ou pautas políticas das mais diversas naturezas também é um elemento sobre o qual

nos dedicamos visando a análise desses afastamentos e raras proximidades. Assim, a visibilidade para as pautas que cercam mulheres e política torna-se cada vez mais necessária, especialmente no campo historiográfico, dados os tradicionais "silêncios" relacionados à construção da História das Mulheres e aos papéis secundários a que foram submetidas por séculos. Pesquisar sobre elas é, portanto, dar-lhes voz.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASIL. **Com pouca representatividade política, mulheres ainda buscam por direitos.** Por Karine Mello. Publicado em 09 de março de 2021. [Online] Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-03/com-pouca-representatividade-politica-mulheres-ainda-buscam-direitos Acesso realizado em 26 de junho de 2021.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História:** Especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2011, p. 203-233.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** [tradução Angela M. S. Côrrea] 2ª ed. 6ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2019.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. **Nair de Teffé: Vidas Cruzadas.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SENADO FEDERAL. **A conquista do voto feminino no Brasil.** Biblioteca do Senado Federal. Brasília, abril de 2019. [Online] Disponível em: http://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/557596 Acesso realizado em 26 de junho de 2021.

6. FONTES

FONSECA, Nair de Teffé Hermes da. **A verdade sobre a Revolução de 22.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Gráfica Portinho Cavalcanti LTDA, 1974.

O PAIZ. Fundação Biblioteca Nacional (Brasil) **BNDIGITAL**: Rio de Janeiro, 1910-1919. Disponível em: http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/ Acesso em 03 de julho de 2021.